

ANTÔNIO PATRÍCIO LEITOR DE NIETZSCHE

Roberto Nunes Bittencourt
(FAMA/Faculdade Machado de Assis)
rnb.roberto@gmail.com

Antônio Patrício, numa entrevista a João Ameal para o *Diário de Notícias* (PATRÍCIO, 1929, p. 1), confessa-se, enquanto escritor dramático, herdeiro daquilo que, para Nietzsche, é a origem da criação estética: o apolíneo e o dionisiaco, aliás, como fica patente pelas próprias citações nietzschianas, que se encontram esparsas, não só nos textos dramáticos, mas por toda a obra do escritor português.

De fato, sua obra – e, sobretudo, seus textos dramáticos – revelam uma vivência “expressa em permanente tensão dionisiaca, de inspiração nietzschiana, na fronteira da morte a todo o instante apreendida” (COELHO, 1989, p. 802). Esse mesmo elo entre o pensamento nietzschiano e a obra de Patrício é referido por Jorge de Sena ao caracterizar, do seguinte modo, as “virtualidades poéticas” do autor de *Serão Inquieto*:

Antônio Patrício desenvolve as suas virtualidades poéticas já dentro do ambiente esteticista, no qual a literatura portuguesa mergulha então, no encalço das pedanterias tão opostas de Eugénio de Castro e de António Nobre [...] e em que era duma rara elegância citar, em verso, o nome de Beethoven ou pôr epígrafes de Nietzsche em francês. (SENA, 1950, p. 137-138)

João de Barros, que também se debruçou sobre a sua obra, chama Antônio Patrício de “o poeta da energia”. Num de seus ensaios, intitulado “Tragédia e glória de Antônio Patrício”, de 1932, escreve:

Muitas vezes, lendo ou, antes, relendo a obra de Antônio Patrício, a mim mesmo pergunto se esse grande poeta, no seu ímpeto vital veementemente afirmado, seria um nitzcheniano [sic] puro, criação de ideias e concepções hauridas na admiração e convívio do estranho filósofo. Mas breve reconheço o meu erro, o erro da minha interrogação. Antônio Patrício foi apenas – o que é tudo, aliás – um artista excepcional, um artista que viveu, sofreu, amou e lutou perenemente, em função do seu amor da Beleza. (BARROS, s/d, p. 90-91)

A filosofia nietzschiana, portanto, que reconhecia haver mais verdade nos pontos interrogativos do que nas afirmações, admitindo a auto-contradição como um dos pontos fundamentais, já que para Nietzsche o que orienta o pensamento é a paixão de buscar as raízes na existência através de uma crítica constante, na procura da verdade autêntica será é presença marcante na obra de Antônio Patrício, como, por exemplo, nos poemas “A um cadáver” e “O amor e a morte (fábula)”, de *Oceano*. No

primeiro, uma reflexão sobre a dialética morte-vida, cujos tercetos, sobretudo interrogações a respeito da própria condição existencial, revelam um desejo do eu lírico:

A tua dor, teu sonho, o que serão?
o que será, meu pobre irmão, na morte,
teu ódio, teu amor, teu coração?...

Que será agora a vida que eu vivi?
Quem me dera saber qual foi a sorte
de tudo o que eu chorei e do que eu ri...

(PATRÍCIO, 1989, p. 34)

A existência é uma surpreendente confluência entre a vida e a morte, e tal percepção torna-se uma glorificação incondicional da existência. Morte e vida são instâncias indissociáveis, e ao se compreender intrinsecamente essa dinâmica existencial, alcança-se uma jubilosa compreensão do valor da vida e da própria morte.

Para Nietzsche – e, da mesma forma, na interpretação de Patrício –, a visão dionisíaca da existência faz o homem ver o quão ditoso vivente ele é, não como indivíduo, mas como o próprio uno vivente, com cujo gozo procriador está fundido (NIETZSCHE, 1996, § 17). A morte e a destruição da vida seriam parte da própria vida, refletindo assim a percepção global da epifania dionisíaca de que existe uma grande unidade entre todas as expressões da natureza, mesmo que biologicamente “mortas”.

Assim é, também, na fábula poética “O amor e a morte”, em que Patrício revela, de acordo com sua perspectiva dionisíaca, não haver a “morte” propriamente dita, pois que todo tipo de forma de vida, ao perder as suas funções orgânicas, é apropriada pela natureza, que então transforma essa matéria em energia dinâmica a ser assimilada por outros corpos:

O Amor encontrou num jardim encantado
a Morte a soluçar perdidamente
Tinha nas mãos um rouxinol inanimado
e falava a uma fonte docemente:
[...]
Eu nem sei o que faço, vou sem tino
e cada passo meu, cai morto um coração
[...]
Às vezes morrem astros pela altura
só porque ergui o meu pressago olhar...
A minha dor, ó fonte, não tem cura...

Quem fora como tu sempre alegre a chorar!

Curvado de piedade,
o Amor beijou então perdidamente a Morte...
Vê tu que és para mim já quase uma saudade,
como brotou desse jardim a nossa sorte!

(PATRÍCIO, 1989, p. 35-36)

No poema “Viver”, também de *Oceano*, António Patrício cita, como epígrafe, uma frase de *Assim falou Zaratustra*, em francês, servindo-lhe de mote: “L’homme est quelque chose qui doit être surmonté” – O homem é algo que deve ser superado. Assim, se na obra de Nietzsche Zaratustra propõe a morte do homem – o apagar de um passado, uma morte-superação, uma morte para culminar em um renascimento – lê-se em Patrício:

Viver é só fundir a nossa alma
em toda a vida imensa e misteriosa
como o pólen cai fecundando uma rosa...
[...]
É odiar a dor e tanto e tanto
ter os olhos de febre no futuro,
que a pedra de tortura que eu levanto,
seja dentro de mim um ser que eu transfiguro.
[...]
É ir numa santíssima alquimia
transformar um remorso num perdão...
Cultivar como um campo, noite e dia,
a fé na vida em nosso coração...

(PATRÍCIO, 1989, p. 68)

A vida, que se revela como o sentido profundo do simbolismo das atividades dionisíacas, encerra como significado uma benção trágica da existência: a vida exuberante retorna e ressurgue eternamente da destruição e da dor que ela própria inelutavelmente conjura: toda expressão de vida decorre de uma fusão entre os estados de prazer e de dor. Em “Na Morte”, António Patrício refere o remorso e a saudade daqueles que entraram na morte sem terem sabido viver a vida, fazendo de seu poema, portanto, autêntica celebração da vida:

E todos
que na vida pisaram sangue e lodos
e num gibão de febre e de amargura
partiram para a paz da Morte escura,
hão-de sentir uma saudade intensa,
hão-de compreender,

que a Vida é bela, a Vida é santa, a Vida é imensa
e que todo o seu mal foi não saber viver.

(PATRÍCIO, 1989, p. 58)

E em “Spleen”, poema que integra a edição de *Poesias*, evidencia-se a ideia do Eterno Retorno, que entra em conflito aberto com o dionisismo e com o ímpeto vital que animam a obra de Patrício, como se pode ler:

Tudo virá igual e friamente,
Eternidade além ... Rastejar de serpente.

É o *éternel retour* de Zarathustra,
ideia de terror que tudo gela e frustra.

(PATRÍCIO, 1989, p. 94)

Em seu livro de contos, Patrício também traz, em epígrafe, uma citação nietzschiana de *Assim falou Zarathustra*: “Écris avec du sang et tu apprendras que le sang est esprit” – Escreve com sangue e aprenderás que o sangue é espírito; erigindo, portanto, o pensamento do filósofo alemão como um motivo inspirador.

É o que se percebe, por exemplo, no conto “Diálogo com uma águia”, em que se lê um diálogo travado entre o narrador e uma águia enjaulada, também se revelam fortes vestígios do pensamento nietzschiano, como se percebe na figura do Hebreu que, na hora derradeira, sentiu-se invadido pela saudade e pelo remorso de não ter sabido viver a vida que começava a lhe escapar. Segundo conta a águia, uma antepassada sua veio sobre o Hebreu, que se encontrava pregado na cruz e lhe cravou as garras no peito e lhe picou, com o bico, o coração, bebendo seu sangue. Esta águia seria a mesma que, mais tarde, viria a fazer companhia a Zarathustra, na montanha. O Hebreu crucificado faz dela, então, a sua confidente – revelando-lhe o que ela, então, transmitiria a Zarathustra – e diz-lhe do:

remorso de não ter vivido, a tristeza infinita, o desespero e o mal sem remédio de ser virgem, de morrer no corpo morto duma árvore, único corpo que sentiu, o dum cadáver... [...]. Queria largar a cruz para poder dar-se, à terra desse cerco, a alguma forma, a um corpo de mulher, a alguém, a alguém... (PATRÍCIO, 1995, p. 14)

Momento em que Ele, enfim,

previu bem claramente como se mentiria à Vida em nome d’Ele, [...] séculos e séculos de vida envenenada pelo sangue de amor que Ele vertera, e iria embe-

bedar os homens por muito tempo, para sempre talvez, talvez para sempre. (PATRÍCIO, 1995, p. 15)

O Hebreu, na hora da morte, comunga da condenação da doutrina “do sangue redentor”, componente do dogma cristão e característica da moral dos escravos, tal como se lê em *Assim falou Zaratustra* e em *O Anticristo*, ambos de Nietzsche. Como confirma a velha águia: “afirmou com pompa, lá para o Norte, que Ele decerto se teria retratado se tão cedo o não crucificassem” (PATRÍCIO, 1995, p. 15). E continua a informar: “Foi minha mãe que o disse a Zaratustra. Zaratustra ouviu mal, não disse tudo. A verdade é assim, como eu lha conto. Parece que os homens riram do filósofo, acharam tudo isso uma tolice...” (PATRÍCIO, 1995, p. 15) mas à hora da morte, “a uma águia, aos lençóis ou ao travesseiro, todos os homens têm, como esse Hebreu, um segredo supremo a revelar. É apenas isto: a confissão de que morrem sem viver” (PATRÍCIO, 1995, p. 19).

Em *Humano, demasiado humano*, Nietzsche (2003, §475) denomina Jesus como “o mais nobre dos homens”, da mesma forma no *Assim falou Zaratustra* em que, apesar de depreciar a obra evangélica de Jesus, por considerá-la marcada pela tristeza judaica, considera o Nazareno dotado de caráter nobre:

Na verdade, morreu cedo demais aquele hebreu, que os pregadores da morte lenta reverenciam; e para muita gente, desde então, foi uma fatalidade que ele tenha morrido demasiado cedo. Ainda o hebreu Jesus só conhecia as lágrimas e a melancolia judaicas, juntamente com o ódio aos bons e justos, quando o acometeu a ânsia da morte. Se ao menos tivesse ficado no deserto e longe dos bons e dos justos! Talvez tivesse aprendido a viver e amar a terra – e, além disso, a rir! Acreditai em mim, meus irmãos! Morreu cedo demais; ele próprio teria revogado a sua doutrina, se tivesse chegado até à minha idade! Era suficientemente nobre para abjurar! (NIETZSCHE. *Assim falou Zaratustra*, “Da morte voluntária”)

Antônio Patrício busca, portanto, no pensamento de Nietzsche os elementos filosóficos de “Diálogo com uma águia”. Nele o Hebreu crucificado se retrata e faz uma apologia da vida plena, arrependido por tê-la desperdiçado. Vê-se, portanto, disposto, se assim lhe fosse possível, a largar a cruz e reviver a vida, sorvendo-a em plenitude, para que nunca mais, em seu nome, se mentisse a essa mesma vida.

Num ensaio intitulado “*Serão Inquieto: anti-Nietzsche?*”, publicada na *Colóquio Letras* (nº 125-126, julho-dezembro, 1992), Massaud Moisés, ao título interrogativo de seu texto dá, no corpo do artigo, uma resposta afirmativa à pergunta inicial, pois, como crê:

condicionados que possamos estar pela epígrafe do volume, as coisas não se passariam diferentemente. E é até possível que Antônio Patrício partilhasse as ideias de “seu autor”. Mas ao redigir os contos e os aforismos de “Words”, acabou negando aquilo que, deliberadamente ou não, pretendia afirmar. (MOISÉS, 1992, p. 66)

Considerando, assim, *Serão Inquieto* uma obra antinietzschiana, porque os contos que a integram são histórias pessimistas e niilistas, afirma que “as cinco histórias são pessimistas, niilistas. A morte, a miséria e a loucura rondam todos, ainda quando traços de idealismo pareçam conduzir as personagens a destinos menos inglórios” (MOISÉS, 1992, p. 66) e afirma isto, sobretudo, no primeiro conto, “Diálogo com uma águia”, por haver na imagem da ave enjaulada e velha a negação do mito da superação humana.

Leitura proposta pelo crítico e professor, mas com a qual discordamos. Em nossa leitura, ao contrário, “Diálogo com uma águia” revela-se como um conto que pode ser lido na esteira nietzschiana, afinal a águia velha e enjaulada não deve ser lida como a negação da superação do homem, mas como um desafio lançado ao próprio homem para que se supere, vivendo a vida plenamente.

Assim o é também o conto “Suze”. O narrador autodiegético se revela torturado pelo pensamento de Suze, uma mulher frívola, “que se deu a saborear a tantos homens” (PATRÍCIO, 1995, p. 75). No alto das tormentas de sua insônia, o narrador a imagina morta sobre o mármore gelado do necrotério, a meditar friamente num livro póstumo que se deveria chamar *A Filosofia de Suze – ensaio sobre a Supramulher*. No livro, haveria a proposta que se dissesse: “isso é um detalhe, como outrora se disse: *penso, logo existo*, como hoje se diz: – *o homem é uma ponte pró-sobre-humano*” (PATRÍCIO, 1995, p. 76). Assim, Antônio Patrício imagina um ensaio sobre a Supramulher, que corresponderia ao Super-Homem nietzschiano, na voz de Zaratustra. Ainda, na construção discursiva que o narrador faz de Suze:

A Suze [...] era escutada em lava: era *alguém*. Prostituta ou esposa, seria sempre infeliz, seria sempre *ela*, seria sempre só. Pobre Suze!

Alma apolínea, foi esbofeteada por fadistas que têm o nome em crônicas heroicas; sofreu-lhes, em noites de orgia besta, o suor e o vômito; e com uma clarividência trágica pressentiu muita vez os haustos da manhã subindo, a olhar com a pele arrepiada a máscara boçal de algum cliente. (PATRÍCIO, 1995, p. 81)

Suze é, portanto, a criação de uma *feminae fatale* – a mulher diáfana, a mulher-sibila, a mulher-cadáver, a que encanta, desconcerta e des-

trói os homens. Sedutora e fatal, excita no leitor a *sensação do belo*, em sua alma apolínea.

Pode-se, ainda, citar um outro conto, “O Veiga”, em que Patrício constrói na personagem que dá título ao conto um caráter nietzschiano, caracterizando-o como alguém magríssimo, cujo corpo “traz enfiadas roupas de outros, muito largas: sobrecasacas, fraques, vestes ricas, esverdeando, já em plena decomposição, e mais vexadas nesse esqueleto curvo de pedinte que numa loja de adelo ou num palhaço” (PATRÍCIO, 1995, p. 91). É, descreve-o o narrador autodiegético, como um mendigo, “pobre diabo e doido” que pede para comer, mas que come não por comer, mas “pra viver a Vida, a Vida toda!” (PATRÍCIO, 1995, p. 91). Era uma figura dionisíaca, que:

Perdia as noites num delírio gago, a proclamar no botequim o *amor livre*. [...] Inconscientemente, como rezava com devoção até há pouco, absorvia brochuras anarquistas, e tinha à cabeceira, como uma espécie de *Flos-Sanctorum* laico, um hagiológico patético, ilustrado, com um Ravachol de auréola, hiper-Cristo, e os mártires de Chicago nimbados. (PATRÍCIO, 1995, p. 99)

É a morte da mãe de Veiga que possibilita o encontro da personagem consigo mesma, pois a expressão de vida ocorre justamente mediante uma intensa experiência de choque: “A pobre velha morrendo, iniciou-o. Nasceu da sua dor segunda vez...” (PATRÍCIO, 1995, p. 112). Veiga libertar-se na natureza, numa patente influência da filosofia de Nietzsche, pois Veiga, ao integrar-se à natureza, inventa sua virtude: o espírito dionisíaco imerge o indivíduo nas forças telúricas, dotadas de uma energia criadora cuja percepção humana, usualmente limitada, é incapaz de conceber na sua intensa plenitude. Busca-se, assim, um sentido para a existência, mesmo que na loucura: *O Veiga* é, portanto, a trajetória de uma personagem na busca de um encontro modelar consigo mesma.

No seu teatro, António Patrício busca uma decifração da divindade da vida, privilegiando os sonhos, as loucuras, as paixões, os desejos humanos, como em *O Fim*, em que alegoricamente se lê o “fim da Monarquia” ou, mais apocalipticamente, o luto perpétuo de uma nação sempre ameaçada pela possibilidade de extinção.

Ao trazer em epígrafe um fragmento de *Crepúsculo dos Ídolos*, de Nietzsche, Patrício dá ao seu texto dramático justamente a ideia – por meio da tragédia de uma rainha enlouquecida pelo sofrimento e que depois do regicídio vagueia pelo palácio, rodeada apenas por dois aristocratas – do crepúsculo dos ídolos e dos deuses. É na figura do “desconhecido” que aparece no palácio em chamas e que concita o povo a lutar para

evitar o “suicídio colectivo” e contrapõe “aos últimos dias de um povo” o heroísmo desse povo levantado em armas contra o invasor. Ao toque insistente dos sinos, a “Raça” desperta numa vitória conseguida sobre os escombros:

A AIA, *com desespero*.

Ouviu bem? Ouviu?... Isto é de endoidecer. De um lado uma esperança absurda, do outro uma visão de manicómio... (*Pondo-se em frente dele*) Não é evidente para si, não é evidente para que ainda mesmo que se realizasse o impossível de evitar o desembarque das esquadras, outras viriam, mais, até esmagar-nos?... Quem exige um suicídio colectivo, um heroísmo monstruoso e inútil?

O DESCONHECIDO

A lógica da Raça. É inevitável. (PATRÍCIO, s/d, p. 27)

Através de sua afirmação, a vida torna-se justificada, o mundo redimido, quando toda a dura realidade for percorrida por uma vontade de potência múltipla. Tal leitura não será diferente nos textos dramáticos seguintes, como *Pedro, o Cru, Dinis e Isabel* e *D. João e a máscara*, que podem ser lidos como hinos de adoração à vida, numa tentativa de superação da morte, justamente a partir dessa paixão, não pela vida comum, convencional, mas a verdadeira vida, desvelada em plenitude, a vida sublime. António Patrício deixa todos os outros temas de lado e trata obsessivamente o confronto do ideal de vida do homem com potências superiores, da qual a morte é maior antagonista.¹

Em *Pedro, o Cru*, a morte e a dor emergem como parte de um processo que visa à conversão do amor em eternidade e plenitude. A noite da saudade – a noite ritual – concretiza as bodas de Pedro e Inês, num amálgama da densa relação entre vida e morte, da dor espiritualizada em desejo de consubstanciação com o ser amado. Nas falas do próprio Pedro à sua amada morta:

PEDRO:

O nosso amor, amor, ainda era pouco. Só abraçado à morte êle inicia [...] Mil vezes, minha Inês, mil vezes sofri na minha carne a tua morte [...] Vivía com o teu corpo na memória – como um lobo no fojo com a pêsca. E então a minha dor – todo o meu gôzo – foi reviver nesta carne o teu martírio. (PATRÍCIO, s/d, p. 146)

¹ A respeito do drama simbolista, escreve Anna Balakian (2007, p. 99-100): “Por que haveria um desejo de superar obstáculos na vida quando a morte, o maior obstáculo, é invencível?”

Em *Dinis e Isabel*, há um violento embate entre o poder divino e a vontade humana, em que a cena do milagre das rosas é exemplar. É o chamado de Deus da vida terrena para a vida espiritual. renegado, porém, por Isabel: “Eu adoro Dinis: quero ser dele [...] Eu sou da dor como era, sou a mesma”. E como ela mesma fala ao amado: “Eu não sou dele [de Deus], amor, eu sou só tua”. Isabel não pode pertencer aos dois mundos. O milagre das rosas, ao mesmo tempo em que inscreve Isabel na santidade, mostra a Dinis que não pode ter sua mulher, ainda que ela também re-lute contra a manifestação do divino. Revela-se, porém, a impotência do desejo humano, e a vida está fadada ao seu termo máximo, a morte. Diante da escolha de Isabel pelo amor de Dinis, o que a leva a renegar o milagre das rosas, Deus – que surge como um “rival” de Dinis, despertando nele a consciência de um amor condenado – toma-a para si.

Em *D. João e a máscara*, Patrício traz à cena a figura do “burlador de Sevilha”, um homem desejoso de atingir o Absoluto, mas, prisioneiro das formas transitórias do mundo. Tudo para ele é, portanto, martírio, pois que sob a máscara da luxúria percebe, como em uma epifania, em um ato revelador, que seu desejo jamais encontraria saciedade nos corpos que amou: “Os meus amores, os meus amores foram só sombra. [...] De corpo em corpo fui como um cego a tatear de muro em muro. Sempre a essência das formas a fugir-me”. E, em outra passagem da peça: “é tudo cenário? Tudo? Tudo? nada existe? [...] É como as mulheres a natureza? Vazio lúgubre a mimar divino?”. Há em *D. João* a procura obsessiva, no corpo de todas as mulheres seduzidas, do objeto do seu desejo, da sua saudade que é a morte em figura feminina.

Assim, a dor, a perda, a morte, enfim, são partes de um processo vital. O cerne da poética de António Patrício está, justamente, na espiritualidade e apego à vida na terra, em que, muitas vezes, a Natureza surge como manifestação da própria divindade e, de tal maneira, que o divino é, sobretudo, uma força imanente à própria vida. Há, em António Patrício, o vitalismo dionisíaco manifesto na *Origem da Tragédia*, de Nietzsche, revelando-se na sua obra justamente a euforia orgiástica e a vontade de viver. O dionisíaco anseia pela vida intensiva, mágica, que não depende, necessariamente, de uma configuração orgânica, corporal e individual para se expressar, pois a sua vitalidade ontológica se expressa sempre de modo desmedido, para além dos limites da figuração. Para Vernant e Vidal-Naquet:

Dionísio encarna não o domínio de si, a moderação, a consciência dos seus limites, mas a busca de uma loucura divina, de uma possessão extática, a

nostalgia de um completo alheamento; não a estabilidade e a ordem, mas os prestígios de um tipo de magia, a evasão para um horizonte diferente; é um deus cuja figura inatingível, ainda que próxima, arrasta seus fieis pelos caminhos da alteridade e lhes dá acesso a uma experiência religiosa quase única no paganismo, um desterro radical de si mesmo. (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1999, p. 158)

A compreensão da eternidade da vida como uma grande totalidade de forças dissolve a perspectiva pessimista que considerava a morte, a dissolução individual, como o aspecto contrário a modo de expressão da vida. A morte, portanto, aparece nos dramas de Patrício como parte de um processo que visa à conversão da vida em eternidade e plenitude. Para o filósofo alemão – e assim, também, na leitura de Patrício – morte e vida são considerados como polos complementares da existência, de maneira que a fronteira entre ambos dificilmente pode ser delimitada. Uma vez que a natureza se desenvolve e se cria através de um eterno choque de contrários, o mundo dependeria desse conflito fundamental para que pudesse se efetivar na existência. É o que Nietzsche chama de “vontade de vida” (NIETZSCHE, 2006, § 4).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, João de. *Pátria esquecida*. Lisboa: Bertrand, s/d.
- COELHO, Jacinto do Prado (Dir.). *Dicionário de literatura*, 5 vols. Porto: Figueirinhas, 1989.
- MOISÉS, Massaud. Serão inquieto: antiNietzsche? *Revista Colóquio/Letras. Ensaio*, n.º 125/126, jul. 1992, p. 63-69.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- _____. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- PATRÍCIO, António. O nosso inquérito literário. Depoimento do ilustre poeta e dramaturgo António Patrício, entrevista de João de Ameal. *Diário de Notícias*. 11-04-1929.
- _____. *D. João e a máscara*. Lisboa: Sam Carlos, 1972.
- _____. *Dinis e Isabel*. Aveiro: Estante. 1989.
- _____. *Pedro, o Cru*. Minho: Vercial, 2002.

_____. *O fim*. Minho: Vercial, 2010.

_____. *Serão inquieto*. Lisboa: Relógio d'Água, 1995.

_____. *Poesia completa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989.

SENA, Jorge de. António Patrício e Camilo Pessanha. In: BARRETO, Costa (Org.). *Estrada larga*. Porto: Porto Editora, 1950.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. Trad.: Anna Lia A. de Almeida Prado, Filomena Yoshie, Hirata Garcia, Maria M. Cavacante, Bertha H. Gurovitz e Hélio Gurovitz. São Paulo: Perspectiva, 1999.